

ARTIGO

DOSSIÊ ESTUDOS EM SEMIÓTICA SOCIAL NA AMÉRICA LATINA

**REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS NO JORNAL *O GLOBO*: PARA FALAR
DE RUA OCULTANDO PESSOAS**

*(Imagetic representations in the newspaper O Globo: speaking of street and hiding
people)*

*(Representaciones imagéticas em el periodico O Globo: hablar de calles y ocultar
personas)*

Viviane de Melo Resende¹
(Universidade de Brasília/ CNPq)

Recebido em: janeiro de 2021
Aceito em: abril de 2021
DOI: 10.26512/les.v22i1.37303

¹ Docente do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília. Diretora do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM/UnB) – ceam.unb.br. Coordenadora do Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade (NELiS/CEAM/UnB). Editora das revistas *Discurso & Sociedad* e *Revista Latino-Americana de Estudos do Discurso*. Pesquisadora do CNPq.

RESUMO

Com objetivo de discutir a representação de pessoas em situação de rua por mecanismos imagéticos com efeitos de distanciamento e encobrimento na mídia eletrônica de notícias, neste artigo analiso dados do jornal O Globo. Considero textos que cruzam as temáticas situação de rua e políticas públicas, contendo imagens em sua composição. A categoria analítica que dirige a composição do corpus é o aspecto saliência dos significados composicionais (Kress; van Leeuwen, 1996). São analisadas as 13 fotografias do corpus que põem em saliência elementos não humanos. Resultados apontam elementos em relação locativa de encaixe conceitual, criando um espaço entre ausência e presença.

Palavras-chave: *Estudos críticos do discurso. Gramática do design visual. O Globo. Situação de rua. Políticas públicas.*

ABSTRACT

To discuss the representation of homeless people by image mechanisms with distancing and cover-up effects in the electronic news media, in this article I analyze data from the newspaper O Globo. I consider texts that cross the theme of homelessness and public policies, containing images in their composition. The analytical category that directs the composition of the corpus is the salience aspect of compositional meanings (Kress; van Leeuwen, 1996). The 13 photographs of the corpus that highlight non-human elements are analyzed. Results point out elements in a locative relation of conceptual fit, creating a space between absence and presence.

Keywords: *Critical discourse studies. Visual Design Grammar. O Globo. Homelessness. Public policies.*

RESUMEN

Para discutir la representación de la gente en la calle mediante mecanismos imagéticos con efectos de distanciamiento y encubrimiento en los medios informativos electrónicos, en este artículo analizo datos del periódico O Globo. Considero textos que atraviesan las temáticas situación de calle y políticas públicas, conteniendo imágenes en su composición. La categoría analítica que dirige la composición del corpus es el aspecto saliencia (Kress; van Leeuwen, 1996). Se analizan las 13 fotografías del corpus que destacan elementos no humanos. Los resultados señalan elementos en una relación locativa de ajuste conceptual, creando un espacio entre ausencia y presencia.

Palabras clave: *Estudios críticos del discurso. Gramática del Design Visual. O Globo. Situación de calle. Políticas públicas.*

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta um recorte dos resultados do projeto de pesquisa “Representação visual de pessoas em situação de rua no jornalismo *on-line*”,² projeto de pós-doutorado da autora, realizado junto ao Poslin da Universidade Federal de Minas Gerais.³ Para o artigo, o recorte considerou apenas dados de *O Globo* (121 textos) reduzidos aos que cruzam as temáticas situação de rua/ políticas públicas e contêm imagens (30 textos), novamente reduzidos àqueles em que as imagens, no aspecto saliência dos significados composicionais (Kress; van Leeuwen, 1996) enfatizam elementos não humanos. Assim, são considerados 13 textos, com foco analítico sobre as imagens que os compõem.

² Integrado ao projeto CNPq 301809/2017-8.

³ Agradeço a supervisão da professora Maria Carmen Aires Gomes na oportunidade do referido estágio pós-doutoral.

A análise de notícias como material empírico para pesquisar problemas sociais justifica-se, nos estudos críticos do discurso, porque a notícia é uma forma de regulação social que reorganiza eventos em chaves interpretativas. O objetivo específico do artigo é discutir a representação de pessoas em situação de rua por mecanismos imagéticos metafóricos ou metonímicos com efeitos de distanciamento e encobrimento.

O artigo foi dividido em três seções, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira seção, resumo algumas contribuições de Gunther Kress no quadro dos estudos críticos do discurso. Na segunda seção, faço uma apresentação do *corpus* e delinco as categorias analíticas empregadas. A terceira seção é dedicada às análises das 13 imagens de saliência não humana no *corpus* do jornal *O Globo*. Depois, apresento breves considerações finais.

1. CONTRIBUIÇÕES DE GUNTHER KRESS NO QUADRO DOS ESTUDOS CRÍTICOS DO DISCURSO

Os estudos críticos do discurso desenvolvem diversas abordagens teóricas e metodológicas, com variadas interfaces em outras disciplinas para além dos estudos de linguagem. A teoria de discurso de base realista compreende que embora o discurso seja constitutivo da realidade, esta não se esgota em nosso conhecimento sobre ela (ver, por exemplo, Fairclough, 2010 e Jessop, 2019). Trata-se, então, de uma abordagem que recusa perspectivas relativistas sobre realidade e discurso.

O mesmo se aplica à gramática do design visual: as estruturas visuais apontam interpretações da experiência e da interação social, conforme sustentam Kress e van Leeuwen (1996). Nessa abordagem analítica voltada a textos visuais, “[e]struturas visuais não reproduzem simplesmente as estruturas da realidade. (...) produzem imagens da realidade que estão vinculadas ao interesse das instituições sociais” (p. 64). Não se trata tampouco “do elemento discursivo como reflexo da realidade, mas como construção resultante de ordenações discursivas próprias de cada sociedade, com ênfase também no aspecto constitutivo do discurso”, como já discutimos em Resende e Gomes (2018, p. 167; ver também van Leeuwen, 2005).

Então, os modos de representação são formas de conhecimento socialmente construído sobre algum aspecto da realidade (van Dijk, 2014), e que impactam sobre a própria realidade social. Na semiótica social desenvolvida por Gunther Kress e Theo van Leeuwen, isso se traduz em interesse sobre os modos como recursos semióticos são utilizados e regulados. Tomando um *corpus* de dados do jornalismo eletrônico sobre a situação de rua, por exemplo, observam-se continuidades que apontam ordens de discurso, e essa continuidade é foco de atenção analítica.

Conforme Fairclough (2003), é reconstrução de acontecimentos fragmentários como eventos distintos e separados, incluindo certos acontecimentos e excluindo outros, assim como organizando

esses eventos construídos em relações particulares. Isso inclui o léxico e a gramática, pois conforme Kress e van Leeuwen (1996, p. 19), “[a]s visões políticas de jornais não são apenas codificadas por diferentes vocabulários (do tipo ‘terrorista’ vs ‘combatente da liberdade’), mas também por diferentes estruturas gramaticais”.

É relevante observar as continuidades em imagens e fotografias que compõem notícias sobre temáticas específicas, como neste caso as notícias de *O Globo* cruzando situação de rua e políticas públicas. Para análise de imagens nos estudos críticos do discurso, têm sido influentes as propostas da gramática do design visual, de que aqui me sirvo conforme minhas necessidades analíticas me apontam. Ainda sobre o tema das análises de léxico e gramática, mas desta vez com foco em análises de imagens, os mesmos autores apontam que “Na maior parte das vezes, a semiótica visual se concentrou no que se pode considerar o equivalente a ‘palavras’ – o que a linguística define como ‘léxis’ – ao invés de ‘gramática’” (p. 18). Eles explicam que assim como a gramática da linguagem descreve como as palavras se combinam em orações e textos; a gramática visual descreve como elementos são combinados em imagens – por exemplo, pessoas e objetos no espaço.

No caso das imagens que analisarei na próxima seção, trata-se de observar como certos atores podem ser representados em ausência, seja pela metáfora ou pela metonímia na representação de seus corpos. Nos termos da teoria da representação de atores sociais, trata-se de supressão ou colocação em segundo plano. Segundo van Leeuwen (2008), representações podem incluir ou excluir atores sociais por vários motivos – por assumir que as leitoras já têm o conhecimento do assunto ou por motivações ideológicas, por exemplo. Algumas exclusões são completas, e não deixam marcas na expressão, outras envolvem diversas possibilidades de supressão. Podem ser incluídas suas atividades ou resultados de suas ações. Nas fotografias que veremos, constrói-se um jogo de ausência-presença tanto nas relações multimodais, quanto em certos ícones representando pessoas em situação de rua.

Do *corpus* geral de 121 textos de *O Globo*, 30 dos classificados na temática das políticas públicas contêm imagens, sendo esta temática do *corpus* do jornal *O Globo* que inclui mais imagens em notícias.⁴ No projeto mais amplo de que o *corpus* para este artigo foi selecionado, essas 30 imagens foram analisadas em detalhes, considerando os significados propostos por Kress e van Leeuwen (1996): representacionais, interacionais e composicionais.

Nos significados representacionais, recursos semióticos descrevem participantes (pessoas, objetos, processos, circunstâncias) presentes na imagem. Inclui níveis de análise que consideram (1)

⁴ Das 121 notícias de *O Globo* em nosso *corpus*, apenas três temas incluem imagens (sempre fotografias) na composição de textos: outros temas, políticas públicas e violência. Das 52 fotografias presentes nessas 121 notícias, 30 compõem matérias sobre políticas públicas (12, sobre outros temas, e 10, sobre violência). Para mais detalhes, ver Resende (2018).

a representação individual ou coletiva (na individualização, participantes são representados em sua individualidade, estabelecendo mais proximidade, em envolvimento singular; na coletivização, participantes são representados como grupo, e por isso tendem a parecer homogeneizados, no plural ou no coletivo); (2) os portadores de significados, em que a pessoa ou objeto adquire significados iconográficos (objetos salientes, associação convencional a valores simbólicos, atributos padronizados de roupa, estilo etc. que podem ser indicativos de classe ou grupo); (3) as estruturas de representação: narrativa (quando participante representado age no mundo e por isso há vetores de movimento) com seus subgrupos, ou conceitual (quando o participante representado é estático (participante portador de atributos, mas que não representa ação no mundo)).

Os significados interativos dizem respeito a recursos semióticos que operam no sentido de alinhar ou não os participantes representados (PR) e os/as participantes observadores/as (PO – aqueles/as que veem a imagem, isto é, a perspectiva da leitora). Nesse caso, os três níveis de análise são (1) contato, em que se analisa o tipo de relação entre PR e PO, com foco na existência ou não vetores que estabelecem contato; (2) distância, com foco no tipo de enquadramento utilizado na produção da imagem (primeiro plano, plano médio, plano geral); (3) atitude, em que se focaliza o tipo de ângulo adotado e os pontos de vista que podem assim ser realizados (nos eixos horizontal-vertical e frontal-oblíquo).

Por fim, os significados composicionais definem-se nos recursos semióticos que operam na composição da imagem como texto, incluindo os seguintes níveis de análise: (1) valor informacional (que atribui valores e significados a cada elemento representado conforme a localização, em oposições dado-novo, real-ideal e centro-margem); (2) enquadre de elementos representados na imagem, estando desconectados (separados por linhas, por exemplo) ou conectados (relacionados de algum modo, por meio de cores ou de integração no espaço); (3) saliência, que define relevância e influencia a trajetória de leitura, observando-se, por exemplo, o espaço que um elemento ocupa, a intensidade do foco (zoom e detalhes de imagem; grau de detalhamento), os contrastes (tonalidade, cor, brilho), a perspectiva (objetos em primeiro plano são mais salientes que objetos em plano de fundo), o posicionamento no campo de visão (elementos situados mais à esquerda são mais salientes; formação de vetores que orientem a trajetória de leitura) e fatores culturais (símbolos culturais de referência).

2. BREVE APRESENTAÇÃO DO CORPUS

O *corpus* selecionado para ser analisado neste artigo compõe-se de 13 fotografias que são parte de notícias publicadas em *O Globo* cruzando as temáticas da situação de rua e das políticas

públicas. O projeto de pesquisa mais amplo de que foram retiradas estudou notícias sobre diferentes temáticas (histórias de vida e violência são alguns exemplos), com um *corpus* de 121 notícias de *O Globo* (das quais foi composto um *corpus* menor de notícias sobre políticas públicas), além de *corpora* de outros veículos.⁵ A composição dos *corpora* da referida pesquisa deu-se mediante coleta nos motores de busca dos portais de notícia por palavras-chave ligadas à situação de rua. Cada *corpus* foi organizado no *software* de análise qualitativa utilizado, e aí procedeu-se à separação dos textos em temáticas e à codificação dos dados.⁶

Já vimos que os significados composicionais referem-se a como recursos semióticos operam na composição da imagem como texto, e que a saliência diz respeito a recursos utilizados na imagem que acarretam a colocação dos participantes representados em maior ou em menor evidência, atribuindo proeminência e projetando valor sobre o que é representado na imagem. Esta foi a categoria chave para a composição do *corpus* de 13 fotografias que analiso aqui. Como a Tabela 1 a seguir indica, o padrão de maior recorrência nas 30 imagens é a saliência não humana, nas 13 fotografias:

Tabela 1 - Saliência nas 30 imagens de textos sobre políticas públicas de *O Globo*

Textos <i>O Globo</i> – Políticas Públicas	
significados composicionais	
SALIÊNCIA	
Elemento não humano	13
Pessoas em situação de rua	11
Outros atores	4
Polícia	2

Fonte: elaborada pela autora.

Algumas considerações gerais podem ser traçadas a respeito das 13 imagens de saliência não humana no *corpus* de *O Globo*. Em primeiro lugar, chama atenção que 10 dessas 13 notícias estejam no caderno Eu-Repórter, e essas são 10 de 11 nesse caderno, consideradas as 30 tematizando políticas públicas. A Tabela 2, a seguir, mostra a distribuição de textos de *O Globo* cruzando as temáticas políticas públicas e situação de rua em editorias, e compara com o mesmo mapeamento nos textos com imagens de saliência não humana:

⁵ CNPq 301809/2017-8.

⁶ Para detalhes sobre a composição dos *corpora* do projeto, ver Resende e Gomes (2018) e Resende (2018).

Tabela 2 - Saliência não humana por Editoria em textos sobre políticas públicas de *O Globo*

Cadernos	OG – Políticas Públicas	OG PP – saliência não humana
Brasil	2	0
Eu-Repórter	11	10
Niterói	1	1
Rio	15	2
Zona-Norte	1	0

Fonte: elaborada pela autora.

O Caderno Eu-Repórter é a seção de jornalismo participativo de *O Globo*, em que o veículo online convoca leitoras⁷ a contribuir com notícias, sugerindo pautas. Na chamada para o caderno, *O Globo* convida: “Aqui, é você quem faz a notícia. Essa é a regra do Eu-repórter, a seção de jornalismo participativo do GLOBO que abre um espaço exclusivo para o que faz diferença no seu dia a dia”.⁸ A seção é especialmente relevante, então, porque permite identificar o que, entre o considerado noticiável por leitoras de *O Globo*, é também considerado um valor-notícia pelo jornal. Quando pautam o tema das políticas públicas, geralmente leitoras de *O Globo* dão foco no espaço público, não na situação de rua como questão a ser resolvida, como veremos nas análises a seguir. Como nos dizem Ávilla e Molina (2017), no discurso elitista o espaço é o ator a ser defendido, é sua ocupação o problema a ser enfrentado politicamente.

Nossos dados sugerem que essa perspectiva é compartilhada por leitoras de *O Globo* que se dispõem a pautar a situação de rua no veículo. Quando o fazem, enviam imagens, que na maior parte das vezes realizam todas as estratégias de distanciamento que conhecemos na gramática do design visual: ausência ou obscurecimento da pessoa, representada algumas vezes de forma metafórica, por seus parques pertences, desordenados nesse espaço, ou sua representação distante, ou mesmo de costas ou por referência metonímica; predominância de ângulo horizontal oblíquo e vertical elevado, em plano geral.

Uma possível explicação teórica para isso é que “a linguagem é utilizada para transmitir poder e status nas interações sociais contemporâneas, (...) [e assim] textos em jornais, publicações governamentais, artigos científicos etc., aparentemente neutros e puramente informativos, realizam, articulam e disseminam discursos e posições ideológicas” (Kress; van Leeuwen, 1996, p. 37). Sendo

⁷ Neste artigo, assim como em outros de meus textos mais recentes, opto pelo feminino genérico como modo padrão de referência. Isso significa que em “leitoras” entendam-se incluídos também os leitores.

⁸ Disponível em <<https://oglobo.globo.com/eu-reporter/eu-reporter-veja-como-transformar-seu-flagrante-em-noticia-3214613>>.

as sociedades compostas de grupos sociais de variados interesses, muitas vezes contraditórios (como os potenciais interesses de leitoras de *O Globo* e de pessoas em situação de rua, por exemplo), as mensagens produzidas incorporam e realizam essas diferenças.

3. IMAGENS QUE MOSTRAM E ESCONDEM

A seguir, veremos cada uma das 13 fotografias com saliência não humana do *corpus* do jornal *O Globo* tematizando políticas públicas. O que essas notícias têm em comum é um foco no espaço, aspecto compartilhado nas imagens que as compõem. A primeira notícia desse conjunto tem por manchete “Obra vira abrigo para moradores de rua no Leme”. Vejamos na Figura 1:

Figura 1 – Fotografia “Obra vira abrigo para moradores de rua no Leme”



Fonte: do projeto CNPq (número a ser inserido após pareceres) com faixa de codificação no Nvivo.

Embora nessa fotografia o corpo representado seja de pessoa em situação de rua, esta se vê sentada na parte baixa da imagem e por trás de um alambrado em material plástico alaranjado, e assim coloca-se fora de saliência. O que está saliente é o espaço criado pelas manilhas, e é o que se salienta no início do texto verbal: “RIO – Grandes manilhas de concreto deixadas ao longo da Rua Aurelino Leal, no Leme”, que “viraram abrigo para moradores de rua e alvo de críticas de vizinhos da região”. Assim como topicalizam o texto verbal, as manilhas também são salientes na imagem que compõe a notícia.

A estrutura é conceitual – não há ação representada, apenas um estar no mundo – e a fotografia, tomada em plano geral, com ângulo horizontal oblíquo, não provoca nenhuma aproximação com a pessoa representada por trás do alambrado. Contudo, com Biasi-Rodrigues e Nobre (2010), podemos sustentar um encaixe dessa estrutura conceitual com uma relação locativa, já que o estar no mundo da pessoa em situação de rua conceitualmente representada dá-se em estreita relação com o local que ocupa, o que se constrói tanto na imagem quanto na relação multimodal.

A ausência do sistema de olhar fortalece o distanciamento criado pela separação, efeito do alambrado, entre o participante representado e a leitora. O que a notícia enfatiza é a ocupação do espaço público, na imagem e, especialmente, no texto, pelo locativo na manchete (“no Leme”), especificado no primeiro parágrafo do texto, como vimos.

A próxima notícia, publicada no caderno Eu-Repórter, contém a imagem reproduzida a seguir:

Figura 2 – Fotografia “Moradores de rua usam Enseada de Botafogo para lavar roupas”



Fonte: do projeto CNPq (número a ser inserido após pareceres) com faixa de codificação no Nvivo.

Essa imagem compõe a notícia intitulada “Moradores de rua usam Enseada de Botafogo para lavar roupas”, e que tem manchete expandida com “Improviso é feito nas pedras, com vista para o Pão de Açúcar”. A pauta foi enviada pela leitora Vanessa Machado, responsável pela fotografia.

Nessa imagem, a saliência é posta sobre as roupas, que destoam do cenário de pedras e mar, e se destacam pelo colorido. Em termos representacionais, essas roupas em saliência poderiam, contudo, ser consideradas como corpo-metáfora, já que são indicativas de pessoas que as devem portar, e que são topicalizadas na manchete: “Moradores de rua”. Logo no início do texto, lê-se: “RIO – Moradores de rua que vivem na região do Aterro do Flamengo ensaboam, enxáguam e estendem roupas de frente para o Pão de Açúcar, como mostra a leitora Vanessa Cardoso Machado”. As ações aí elencadas, como numa narrativa sequencial – “ensaboam, enxáguam e estendem” – fortalecem a incorporação das roupas, que se tornam metáfora de seus donos e donas, assim como de sua ação. Constrói-se, na imagem, pela relação multimodal, a narrativa eventual, quando apenas um dos elementos da ação transitiva aparece representado, nesse caso a meta – a roupa – da ação de lavar e estender.

Com ângulo vertical elevado e horizontal oblíquo, em plano geral, a imagem não provoca empatia com os atores da ação representada. O foco é no espaço, e especialmente no uso do espaço

público, bem demarcado na manchete (“Enseada de Botafogo”), na expansão da manchete (“com vista para o Pão de Açúcar”) e no primeiro parágrafo do texto (“Aterro do Flamengo” e “de frente para o Pão de Açúcar”). A imagem, entretanto, não mostra o Pão de Açúcar, apenas a enseada com as roupas que corporificam metaforicamente a situação de rua, enfatizando na multimodalidade a relação situação de rua/ Pão de Açúcar como realização da contradição entre beleza e pobreza, entre o belo e a desordem.

A notícia “Prefeitura retira moradores de rua do ‘OcupaRio’ na Cinelândia”, com expansão “Desordem, lixo e roubos descaracterizam protesto, diz Guarda Municipal. Três foram detidos”. A imagem, com respectiva faixa de codificação, é reproduzida a seguir, na Figura 3:

Figura 3 – Fotografia “Prefeitura retira moradores de rua do ‘OcupaRio’ na Cinelândia”



Fonte: do projeto CNPq (número a ser inserido após pareceres) com faixa de codificação no Nvivo.

Chama atenção a desvinculação entre a imagem (enviada pelo leitor Robson A. Sousa, conforme informado na notícia) e o assunto narrado. A imagem não caracteriza o movimento social criminalizado na matéria, o OcupaRio, e não representa as pessoas em situação de rua ‘retiradas’ pela Prefeitura. Embora apareçam pessoas na imagem, a saliência está sobre o edifício, fotografado do alto e em ângulo oblíquo, o que sugere que a fotografia tenha sido tomada desde um apartamento vizinho.

Codificamos a imagem, em termos da estrutura de representação, como de relação reacional transacional pela reação ao edifício por parte dos participantes representados no canto inferior esquerdo da imagem, simbolizando assim, na representação, a reação do leitor Robson Sousa ao evento da desocupação. O foco é o uso do espaço público, o que se enfatiza na manchete pelo locativo “na Cinelândia”.

Em termos interacionais, a distância no plano geral e os ângulos vertical elevado e horizontal oblíquo fortalecem o afastamento em relação ao movimento de ocupação e à ação pública de desocupação. A isso se soma o sistema de olhar ausente.

Outra notícia do caderno Eu-Repórter é o texto “Moradores de rua trocam calçadas por monumento no Maracanã”. Pauta e fotografia são creditadas ao leitor Leonardo Gonçalves Rangel.

Figura 4 – Fotografia “Moradores de rua trocam calçadas por monumento no Maracanã”



Fonte: do projeto CNPq 301809/2017-8 com faixa de codificação no Nvivo.

Como indica a faixa de codificação, esta imagem com saliência não humana – embora haja um homem em situação de rua à esquerda da parte inferior da fotografia, o foco é o “monumento” que ocupa a porção central da imagem – foi codificada em termos representacionais como de relação locativa. Isso porque entendemos que o principal é o estar no espaço, como em outros casos de *O Globo*.

Como tem sido o padrão, o efeito discursivo desta imagem é de distanciamento, não provocando empatia entre o participante representado – que aqui inclusive encontra-se de costas – e a leitora. O parágrafo inicial da notícia é de destacar por dois motivos: cria um mundo representado em que as pessoas em situação de rua escolhem estar nessa situação, e tiram dela proveito – a ocupação do espaço público, nesta e em outras notícias deste *corpus*, é ironizada, aqui na comparação com a possibilidade de viver em “verdadeiros ‘apartamentos’”: “RIO - Moradores de rua encontraram no monumento da Praça Emílio Garrastazu Médici, ao lado do Estádio do Maracanã, uma alternativa às calçadas. Alvo de pichadores, a obra contém partes planas e paralelas ao solo que viraram verdadeiros ‘apartamentos’, como mostra o flagrante do leitor Leonardo Gonçalves Rangel: - Os moradores de rua ocupam inclusive as partes altas”. Esse tipo de representação que compara o espaço ocupado por pessoas em situação de rua com apartamentos, *lofts*, espaços com vista para o mar,

bairros nobres, naturalizando a distância social e a desigualdade, normalizando os privilégios de classe, será uma constante nesses dados, como veremos. Nota para “o flagrante”.

Outra notícia no caderno Eu-Repórter, desta vez “com leitor” “que preferiu não ser identificado”, mas a quem se dá o crédito da fotografia:

Figura 5 – Fotografia “Carro abandonado vira dormitório para moradores de rua no Catete”



Fonte: do projeto CNPq 301809/2017-8 com faixa de codificação no Nvivo.

A fotografia que acompanha o texto intitulado “Carro abandonado vira dormitório para moradores de rua no Catete” não inclui qualquer ser humano, apenas o veículo foco da notícia. Mais uma vez o locativo na manchete realiza o padrão tão recorrente no *corpus*.

A próxima notícia recebeu a manchete “Morador de rua dorme sob ônibus da Assistência Social da prefeitura”, expandida com “Ele buscava abrigo contra chuva na Central e foi retirado em seguida, afirma a secretaria”. Do caderno Eu-Repórter, a pauta foi proposta pelo leitor Valnei Brunetto, que cedeu a fotografia.

Figura 6 – Fotografia “Morador de rua dorme sob ônibus da Assistência Social da prefeitura”



Fonte: do projeto CNPq 301809/2017-8 com faixa de codificação no Nvivo.

Embora haja um corpo representado, de pessoa em situação de rua, a saliência é dada no ônibus sob o qual o homem dorme, tanto pela saturação da cor quanto pelo espaço ocupado na imagem. Por isso, a representação que se constrói é de relação locativa: o que a imagem focaliza é o local em que o homem realiza a ação de dormir, ou a inação de dormir. A imagem, assim, realiza a mesma estrutura representacional expressa na manchete. Com sistema de olhar ausente e ângulo horizontal oblíquo, a imagem não projeta nenhuma empatia entre a leitora e o participante representado por parte de seu corpo.

A notícia “Morador de rua acampa em praça de São Domingos”, com expansão de manchete “Ele montou uma barraca na Rua Coronel Tamarindo”, apresenta uma fotografia em sua composição:

Figura 7 – Fotografia “Morador de rua acampa em praça de São Domingos”



Fonte: do projeto CNPq 301809/2017-8 com faixa de codificação no Nvivo.

Na imagem, o que se destaca é o coreto, e dentro dele a barraca. Não há qualquer figura humana representada, e codificamos a imagem como de evento, considerando que ela representa, embora na presença exclusiva da meta, a ação descrita na expansão da manchete “Ele montou uma barraca”. Mais uma vez o foco central é o espaço, tanto na imagem quanto no texto verbal, composto de apenas um parágrafo, em que se lê “NITERÓI - Um morador de rua resolveu acampar dentro do coreto na Praça Duque de Caxias, em São Domingos. Montou barraca, estendeu colchão e está morando sob o teto do coreto, à vista de quem passa na Rua Coronel Tamarindo”. A destacar, a escolha pela representação com o processo mental “resolveu”, que denota o estranhamento causado por essa decisão, e a narrativa em forma de lista “Montou barraca, estendeu colchão e está morando sob o teto do coreto”. O foco na questão da gestão do espaço urbano também se deixa ver na preocupação final: “à vista de quem passa”. O fato de a pessoa viver sem um teto não é percebido como um problema, mas sim sua decisão de ocupar um teto disponível no espaço público.

O Globo publicou outra notícia de “acampamento” como ocupação do espaço urbano, com manchete “Moradores de rua montam acampamento em Ipanema”, expandida em “Com pedaços de papelão, eles improvisam abrigo na areia”. A notícia apresenta em sua composição a fotografia destacada na Figura 8:

Figura 8 – Fotografia “Moradores de rua montam acampamento em Ipanema”



Fonte: do projeto CNPq (número a ser inserido após pareceres) com faixa de codificação no Nvivo.

Esta imagem é curiosa na composição da notícia, pois assim como não há qualquer pessoa em situação de rua representada, tampouco se representa o “acampamento” ou o “abrigo” anunciados na manchete e em sua expansão. A legenda da fotografia é “No cartão-postal. Uma barraca montada por moradores de rua na Praia de Ipanema: os mendigos ocuparam uma área de vegetação de restinga”, mas o foco exclusivo da imagem é mesmo o “cartão-postal”, sendo visível apenas a ponta da “barraca”, que só pode ser compreendida como tal com o auxílio do texto verbal, pois a imagem é insuficiente para qualquer identificação.

Mais uma vez, o foco da notícia é a ocupação irregular do espaço urbano e o incômodo causado na vizinhança. Neste texto, mais que nos outros, a naturalização da distribuição desigual de recursos e das classes sociais como castas é aspecto central. A notícia inicia-se assim: “RIO – Morar de frente para o mar de Ipanema, um dos endereços mais famosos do Brasil, mais precisamente no quarteirão da Avenida Vieira Souto entre a Rua Aníbal de Mendonça e a Avenida Henrique Dumont. Uma realidade para poucos, numa área da cidade onde o metro quadrado custa, em média, R\$ 35 mil. Foi esse o local, um dos mais belos cartões-postais do Rio, escolhido por um grupo de moradores de rua para montar acampamento”. Se a imagem diz pouco, o texto verbal não deixa dúvida sobre a perspectiva a partir da qual se noticia o fato narrado.

A notícia “Moradores de rua com passagem por abrigo municipal voltam a ser recolhidos em Copacabana”, do caderno Eu-Repórter, contém a imagem reproduzida na Figura 9, de autoria do leitor Augusto Janot:

Figura 9 – Fotografia “Moradores de rua com passagem por abrigo municipal voltam a ser recolhidos em Copacabana”



Fonte: do projeto CNPq 301809/2017-8 com faixa de codificação no Nvivo.

Esta fotografia inclui três pessoas entre os participantes representados – duas pessoas deitadas, uma coberta na parte superior esquerda da imagem e outra abaixo à direita, da qual só se vê a parte superior do corpo, e uma pessoa agachada, na parte inferior esquerda. Entretanto, o que está em saliência na imagem não são as pessoas, mas o conjunto desordenado de objetos no centro-direita da imagem. Essa zona da imagem está em proeminência por suas cores e pela linha de frame delimitada à direita pelo container e à esquerda pela esteira de palha.

A fotografia é tomada em plano geral, com ângulo horizontal oblíquo e vertical elevado, com sistema de olhar ausente: tudo leva ao distanciamento. Parece ter sido tomada de um apartamento vizinho, talvez a residência do leitor-colaborador da matéria. A composição destaca o cenário em que se desenrola a ação do homem na parte baixa esquerda da imagem. Embora não seja possível saber o que ele faz, o ângulo formado por seu braço deixa ver que uma ação é realizada ali, talvez a preparação de algum alimento. De qualquer forma, o foco é na circunstância espacial da ação.

A notícia “Moradores de rua ocupam o Centro do Rio e intimidam pedestres” é mais uma publicada no caderno Eu-Repórter, com colaboração e fotografia da leitora Denise Bachtold.

Figura 10 – Fotografia “Moradores de rua ocupam o Centro do Rio e intimidam pedestres”



Fonte: do projeto CNPq 301809/2017-8 com faixa de codificação no Nvivo.

Nesta fotografia, embora não haja nenhuma pessoa representada, codificamos a presença de um corpo-metáfora, identificada nas roupas e cobertores que se espalham desordenadamente no espaço. Assim, se realiza uma estrutura representacional narrativa de evento, em que a ação de ocupar a calçada, também expressa na manchete, é representada por seu efeito. Há certamente aqui encaixe com estrutura conceitual, trazendo à memória uma compreensão da situação de rua como desordem e risco, este aludido na pouca luminosidade. A imagem, escura na parte em que esse corpo-metáfora (não) está, e cuja luminosidade posiciona-se para além dessa presença-ausência, em plano geral e sem sistema de contato, com o distanciamento do ângulo horizontal oblíquo e do ângulo vertical elevado, não cria nenhum vínculo entre a leitora e o que se representa.

O foco da notícia é novamente o espaço, o que se esclarece logo ao início do texto verbal: “RIO – Nos arredores da Biblioteca Nacional e do Tribunal de Justiça, dois dos mais importantes conjuntos arquitetônicos da cidade, moradores de rua ocupam a Praça dos Professores, na Cinelândia, e intimidam a passagem de pedestres, como afirma Denise Bachtold, que trabalha na região”. Novamente a questão que se coloca não é a situação de rua, não é esta a questão para a qual se demanda solução, mas a ocupação de certos espaços especificamente delimitados, neste caso como “conjunto arquitetônico”.

Outro texto do caderno Eu-Repórter é a notícia “Moradores de rua vivem em área do Canal de Marapendi, na Barra”, que apresenta em sua composição a seguinte fotografia, de autoria da leitora Roberta Fonseca:

Figura 11 – Fotografia “Moradores de rua vivem em área do Canal de Marapendi, na Barra”



Fonte: do projeto CNPq 301809/2017-8 com faixa de codificação no Nvivo.

Em saliência na imagem, a vegetação, pela luminosidade que se destaca sobre ela. Dificilmente visível, ao pé do viaduto e camuflado na vegetação, está um homem em pé. A ocupação do espaço público destaca-se na imagem pela presença de duas cadeiras, que, sendo brancas, contrastam com a paisagem.

Essa estrutura foi codificada em termos representacionais, como conceitual, mas seria possível argumentar pela presença de um encaixe com relação locativa, já que é novamente o estar no espaço que caracteriza o que tanto texto verbal quanto imagem constroem como narrativa. O foco no espaço urbano novamente se destaca desde a manchete. A separação de classes mais uma vez se deixa ver, na voz da leitora-colaboradora: “Pagamos um dos IPTUs mais caros do Rio e a prefeitura ignora a situação”.

Com sistema de olhar ausente e tomada do alto em plano geral, mais uma vez temos uma imagem que não cria empatia entre leitora e participante representado.

Outro leitor enviou pauta e fotografia e foi publicado em *O Globo*, na notícia “Morador de rua vive há três meses no Parque do Cantagalo, na Lagoa”.

Figura 12 – Fotografia “Morador de rua vive há três meses no Parque do Cantagalo, na Lagoa”



Fonte: do projeto CNPq 301809/2017-8 com faixa de codificação no Nvivo.

Nesta fotografia, há um corpo deitado bastante evidente. Mesmo assim, a imagem foi codificada como de saliência não humana, considerando-se em saliência os sacos plásticos, por dois motivos: por sua disposição à direita, estabelecendo um foco de leitura, e por seu brilho provocado pela luminosidade capturada na imagem. Este homem deitado dorme, e não realiza qualquer ação para além desse comportamento inativo. Por isso, a imagem foi codificada, em termos representacionais, como conceitual, mas com o destaque do encaixe da relação locativa, ativada na relação multimodal com o texto verbal, já na manchete. Assim como o homem fotografado na notícia “Morador de rua dorme sob ônibus da Assistência Social da prefeitura”, vista antes, também nesta temos parte do corpo, mas ausente a cabeça.

Mais uma vez salienta-se o foco no espaço urbano, no bairro nobre da Lagoa. A legenda da imagem, “Morador de rua se instalou há três meses no parque do Cantagalo”, enfatiza como problema sua permanência prolongada no local. O sistema de olhar está ausente e a fotografia é tomada em plano geral com ângulo vertical elevado e horizontal oblíquo, com o efeito de afastamento que é a padrão no *corpus*.

Encerrando o conjunto de notícias com imagens de saliência não humana, outro texto em colaboração com leitora foi publicado. A notícia “Área sob viaduto vira ‘casa’ de moradores de rua na Barra” foi proposta pela leitora Patrícia Prado.

Figura 13 – Fotografia “Área sob viaduto vira ‘casa’ de moradores de rua na Barra”



Fonte: do projeto CNPq 301809/2017-8 com faixa de codificação no Nvivo.

A fotografia na Figura 13 não apresenta nenhum participante humano, mas os elementos em saliência nesse espaço, em relação locativa de encaixe conceitual, poderiam ser considerados representações metafóricas de pessoas em situação de rua, criando um espaço entre ausência e presença. Repete-se o mesmo padrão: ângulo oblíquo, plano geral, sistema de olhar ausente, mantendo afastadas as pessoas representadas na ausência e as leitoras da imagem.

Mais uma vez, a separação entre classes e a naturalização da escassez ao lado do privilégio dá o tom da notícia já no início do texto: “RIO – Como em tantos outros pontos do Rio, a área sob o viaduto do Joá, na entrada para a Barra da Tijuca, Zona Oeste, virou ‘a casa’ de moradores sem teto. Três famílias, entre seis a oito pessoas, instalaram-se no local com colchões e sofá, um verdadeiro ‘loft ao ar livre’, como define a leitora Patrícia Prado. - Ali é exatamente a casa deles, onde existem vários pertences. Eles comem, dormem e vivem como se fosse realmente uma residência normal”. A narrativa é mais uma vez construída em lista de ações – “comem, dormem e vivem” – que nesse caso normaliza a obstrução do acesso a certas populações a uma possibilidade de vida “normal”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, o foco foram os textos de *O Globo* classificados na temática das políticas públicas que contêm imagens de saliência não humana, do conjunto mais amplo de dados das pesquisas referidas. Vimos como a cobertura noticiosa de ações e políticas públicas voltadas à população em situação de rua representam violações de direitos que essas políticas, em lugar de combater, realizam (Resende, 2018). Ávilla e Molina (2017, p. 61) explicam que “a naturalização da situação de rua é parte de uma estratégia das políticas neoliberais, dado que permite legitimar a exclusão e justificar medidas políticas assistencialistas ou expulsivas que não levam em conta as determinações estruturais e históricas”.

As imagens reforçam o distanciamento que os textos verbais reproduzem, e assim a desigualdade é normalizada, inclusive pelo recurso da ironia, pelas comparações indevidas (“apartamento”, “loft a céu aberto”, “residência”), pela ênfase no espaço de exclusividade que se corrompe (“de frente pro mar”, “cartão-postal”, “conjunto arquitetônico”), reafirmando-se os privilégios de classe no que se refere à moradia. Políticas habitacionais não são demandadas.

Os elementos em saliência (roupas, cobertores etc.), em relação locativa de encaixe conceitual, poderiam ser considerados representações metafóricas de pessoas em situação de rua, criando um espaço entre ausência e presença. O padrão de recorrência inclui ângulo oblíquo, plano geral, sistema de olhar ausente. Retomando Kress e van Leeuwen (1996, p. 19), “significados pertencem a cultura ao invés de pertencerem a modos semióticos específicos”, e então os mesmos significados de apagamento da cidadania (Resende, 2018) ou de avaliação negativa (Resende, 2016), que já apontamos em textos noticiosos, aparecem nas imagens selecionadas para serem divulgadas em notícias.

REFERÊNCIAS

- ÁVILLA, H.; MOLINA, L. A situação de rua como problemática social estrutural nas cidades. In: Resende, V. M.; Silva, R. B. (orgs.), *Diálogos sobre resistência: organização coletiva e a produção do conhecimento engajado*. Campinas: Pontes, 2017. pp. 59-86.
- BIASI-RODRIGUES, B; NOBRE, K.C. Sobre a função das representações conceituais simbólicas na gramática do design visual: encaixamento ou subjacência. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 10, n. 1, 2010. pp. 91- 109.
- FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.
- FAIRCLOUGH, N. *Critical discourse analysis: the critical study of language*. 2ed. New York: Longman, 2010.
- JESSOP, B. Critical discourse analysis in Laclau and Mouffe's post-Marxism. *Simbiótica*, v.6, n.2, 2019. pp. 8-30.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. London; New York: Routledge, 1996.
- RESENDE, V. M. Representação de pessoas em situação de rua no jornalismo on-line: quais são as vozes convocadas para falar sobre a situação de rua? *Revista de Estudos da Linguagem*. 26(3), 2016. pp. 955-988.
- RESENDE, V. M. Direitos humanos para quem? Políticas públicas e representação da gestão espacial da pobreza urbana em o globo. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 57, n. 2, 2018. pp. 616-644.
- RESENDE, V. M.; GOMES, M. C. A. Representação da situação de rua no jornalismo eletrônico em textos verbo-visuais – a violência em discurso no Correio Braziliense (2011-2013). *Linguagem em (Dis)curso*, v. 18, n. 1, 2018. pp. 165-191.
- VAN DIJK, T. *Discourse and knowledge*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.
- VAN LEEUWEN, T. *Introducing Social Semiotics*. London; New York: Routledge, 2005.
- VAN LEEUWEN, T. *Discourse and practices*. Oxford: Oxford University Press, 2008.